MARIAS

com textos de

Ludmila Curi
Mariana Souza
Andreia Prestes
Maria do Carmo Ribeiro
Gabi People

MARIA PRESTES E AS MULHERES EM LUTA

Índice

Apresentação 03

"Quantas mulheres são necessárias
para que nasça um heroi nacional?"
de Mariana Souza 04

"Maria, guerreira, valente e
ousada" de Andreia Prestes 10

Texto de Maria do Carmo Ribeiro 14

"Não sou mulher, sou mulheres"
de Gabi People 18

Sobre o filme "Marias" 20

Apresentação

Eu conheci a Maria em 2012, no meu último ano de repórter na imprensa carioca. Fiquei fascinada pela história da viúva do Prestes que eu nunca tinha ouvido falar. O faro de jornalista me fez ter certeza imediata de que aquela história não caberia em uma reportagem, era filme de cinema. A trajetória de uma revolucionária que tinha atravessado grandes momentos do século XX não caberia em poucas páginas, ou minutos. O convívio com a Maria só me fez confirmar essa intuição.

Além de carregar o legado político de sua família, Maria andava na rua a falar com o povo, como o povo, e sobre o povo. Conversava com o porteiro, a feirante, o gari, e perguntava da vida deles, do bairro, da cidade, do país. Tinha uma rotina agitada, apesar dos seus mais de 80 anos.

Viajava com frequência para cumprir agendas políticas e visitar familiares dentro e fora do Brasil. Seus nove filhos lhe deram dezenas de netos e bisnetos que tinham nela a maior referência. Maria defendia as ideias mais progressistas com um jeitinho conquistador de vó que lhe garantia escuta atenta e empática por onde passava. Entre seus adjetivos eu destacaria forte, independente, vaidosa, bonita e muito bem-humorada.

Maria tinha orgulho de ser brasileira, e nordestina. Ao longo desses anos, aprendi muitas coisas com ela, mas a mais importante foi que desistir não é uma opção.

A luta continua, companheira!

Ludmila Curi, diretora do filme "Marias"

Quantas mulheres são necessárias para que nasça um herói nacional?

Mariana Souza

O filme Marias, de Ludmilla Curi, percorre Brasil e Rússia em busca da verdadeira história em torno da vida de Maria Prestes. Campesina, nordestina, clandestina, uma figura que teve vários nomes e grande importância para o comunismo no Brasil.

O filme se abre com imagens de arquivo em preto e branco. Nelas vemos mulheres serem citadas acompanhadas de retratos e imagens escassas. Mulheres que tiveram um papel importante para o cenário político brasileiro, nas palavras do narrador mulheres "que encheram as páginas da História Brasileira". Sob o mesmo codinome, estas mulheres integraram a luta por um país no qual os futuros compatriotas - filhos, filhas, irmãos, irmãs, amores e companheiros de luta - pudessem viver de forma livre e justa.

Uma a uma as mulheres vão sendo citadas
e com elas, tantas outras.
Antes e depois.

Maria Quitéria
Maria de Jesus
Maria Curupaiti
Maria de Déa

Algumas, talvez sejam conhecidas por outros nomes, como Anita Garibaldi ou Maria Bonita. Todas, em algum momento, foram Maria. Valentes, corajosas, sem medo. Empunhando armas e peixeiras, comandando tropas, lutando de frente contra as adversidades políticas, sociais e econômicas de um país construído às custas do suor, lágrimas e sacrifícios de muitas e muitas outras.

Todas elas, associadas à figura de seus companheiros e maridos, como uma sombra deles. Como se ficar à sombra fosse a moeda de troca que permitisse a elas integrar-se às frentes das importantes lutas necessárias para se construir um país. Estar à sombra ou não pertencer.

Seriam estas as únicas possibilidades de uma mulher?

Maria Prestes, foi militante comunista brasileira, exilada, membro e integrante das frentes de segurança de um dos mais importantes partidos comunistas brasileiros. Popularmente conhecida como a segunda esposa de um importante nome político brasileiro.

É sobre ela que este filme debruça seu interesse e curiosidade. E uma das primeiras imagens usadas para apresentá-la é o cenário reconstituído da casa em que viveu em 1952. Uma casa simples e onde viveu uma família fictícia, aparelho do partido comunista.
"Ela faria o papel da mãe e seria responsável pela segurança de um importante dirigente que estava por chegar."

Em 1952, assim como no filme, a casa é uma montagem cenográfica, um disfarce.

Cortinas semitransparentes cobrem todas as janelas. Na sala, móveis simples, uma mesa de passar onde pousa um ferro ainda quente, uma mesa com jornais do dia. Uma mulher sozinha, parece lidar com os afazeres domésticos. Lavar, passar, cozinhar, limpar, olhar as crianças. A cortina de fumaça que protege o nome político em perigo.

Esse lugar é real? O que sustenta a ilusão doméstica capaz de esconder um segredo de Estado?

O estilo de vida simples e aparência simples da mulher à frente daquela família fictícia sustenta a ilusão e despista o perigo dos curiosos. O grande nome político sobrevive e articula os próximos movimentos.

Maria, a fictícia esposa, era um membro essencial para a sobrevivência do partido comunista.

Anos depois, em um novo exílio, o líder político é enviado à Rússia. Maria e seus filhos migram para uma terra desconhecida, um novo refúgio.
Neste novo lugar, algumas coisas permanecem intactas. O modelo de casa e estilo de vida simples e discreto, a família nuclear sustentada por Maria. Ela segue sendo membro integrante da segurança de seu marido e das informações políticas trocadas naquelas quatro paredes.

No Brasil, as escolhas de Maria Prestes eram constantemente colocadas à julgamento: "Estaria aquela mulher, de aparência modesta, origem nordestina, mãe de sete crianças, preparada para ocupar o papel de esposa daquele grande nome político? Teria Maria consciência dos riscos que corria?"
À noite, enquanto as crianças dormem, Maria recebe integrantes do partido, companheiros e companheiras que seguem em luta e constante perigo. A mulher tem consciência da importância de seu papel naquele momento e o faz por coragem e convicção.

A posição ocupada por Maria realmente possuía uma importância inferior?

"Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff foi afastada do cargo de Presidente da República após três meses de tramitação do processo iniciado no Senado, que culminou com uma votação em plenário resultando em 61 votos a favor e 20 contra o impedimento."

"Em 14 de março de 2018, Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, no Estácio, Região Central do Rio de Janeiro."

As mulheres citadas no início do filme tiveram sua história fortemente associada às suas colaborações políticas "motivadas" pelas relações românticas. Como se a presença de uma figura masculina garantisse a elas permissão para ocupar "o lugar errado". Como se ficar à sombra fosse a moeda de troca que permitisse a elas integrar-se às frentes das importantes lutas necessárias para se construir um país.

Século XXI, num país democrático e laico que atende pelo nome de Brasil segue com suas investidas para ceifar a vida e a agência das mulheres que decidem ocupar a frente das decisões sem precisar esconder-se atrás da companhia romantizada de um líder mais importante.

O impeachment de Dilma e o assassinato de Marielle fizeram o Brasil reviver o princípio de um retrocesso político do qual ainda não nos recuperamos enquanto nação.

Teriam essas mulheres, consciência dos riscos que corriam?
A que vozes é permitido ocupar de forma plena a arena política?

No filme de Ludmilla, o espaço central reservado à Maria Prestes está vazio. Seu entorno é preenchido por elementos que pedem a sua presença. Uma cadeira vazia na varanda, o cenário da casa de 1952 agora ocupado pela encenação de sua neta, também chamada Maria, os retratos de família numa antiga estante, os trajetos pelas ruas de Moscou refeitos no filme, a estátua da Mãe Pátria. Tudo aquilo preparado para sua protagonista agora precisa lidar com a sua escolha de não se mostrar.

A ausência de Maria Prestes em seu filme faz pensar mais uma vez sobre a consciência de suas escolhas, mas também sobre a importância incontornável de sua presença, ainda que aparentemente silenciosa, na construção da política do país em que vivemos hoje.

O filme não nos dá os motivos pelos quais Maria escolheu não aparecer, temos apenas que respeitar essa escolha.

Certa autora francesa uma vez escreveu que a arena política é ocupada por todos: aqueles que falam, aqueles que não falam e aqueles que escolhem não dizer nada. A arena política pertence a todos os indivíduos, ainda que a História faça pensar o contrário.

A escolha de Maria pela sua própria ausência me faz pensar que Marias são todas aquelas com as quais cruzamos todos os dias. Mães, avós, filhas, netas, trabalhadoras, figuras públicas e políticas que escolhem permanecer em luta pela vida plena individual e coletiva num país de adversidades cotidianas.

E se todas são Marias, não é estranho terminar esse texto com a mesma pergunta que ele se abre:

Quantas Marias são necessárias para que nasça um herói nacional?

Maria, guerreira, valente e ousada

Andreia Prestes

A vó Maria viveu tão intensamente e tem tantas histórias que é difícil descrê-la a partir de um único olhar. Ela foi militante política, matriarca de uma grande família, companheira de Prestes, agricultora, mulher de muitos amigos e amigas. As histórias que coleciono na memória formam uma teia e tentam dar conta da complexidade e da beleza de pessoa que ela foi – e continua sendo.

A minha história com ela começou bem cedo. Eu nasci em Moscou, na antiga URSS, e com 3 meses de vida fui para Moçambique. Meus pais foram informados, em 1978, que se retornassem ao Brasil poderiam ser presos no aeroporto, em função da ditadura militar. Na ocasião, éramos 3 filhos bem pequenos. O deslocamento até Moçambique não foi fácil e a vó Maria fez esse trajeto com meus pais para auxiliá-los com as crianças e apoiar na adaptação ao novo país. No trajeto para Moçambique, estava previsto um pouso no Iêmen do Norte para abastecimento da aeronave. Em função de uma rebelião, o pouso foi realizado no Iêmen do Sul. O avião, cercado por militares fardados, negociava o abastecimento da aeronave para poder seguir viagem para Moçambique. A presença da vó Maria, segundo meus pais muito serena, trouxe mais calma nesse momento de tensão. Depois de algumas horas, partimos em direção a Maputo, onde fomos muito bem recebidos.

Após alguns dias, a vó Maria retornou a Moscou.

Em 1979, com a anistia política, ela pode voltar a viver no Brasil definitivamente e, durante o período em que estivemos em Moçambique, nos enviava com frequência cartas e encomendas do Brasil. Era uma festa quando chegava alguma coisa: gibis diversos, doces, feijão, café e até roupas. Nas cartas, a vó Maria enviava notícias de todos os filhos e informava sobre a situação política do Brasil. O vovô Prestes também nos escrevia.

Quando retornamos ao Brasil, eu e meus irmãos estávamos saindo da infância. Nós fomos morar na casa da nossa avó paterna, no subúrbio do Rio, e com frequência visitávamos a vó Maria e o vovô Prestes na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. No período de férias escolares, a casa deles virava um grande albergue. Primos e tios que moravam fora do Rio chegavam para passar férias com a vó Maria e ela acolhia todo mundo.

Lembro com saudade quando ela nos levava ao cinema Estação Botafogo para assistir os filmes do Charles Chaplin. A sua gargalhada ecoava na sala e em alguns momentos não sabíamos se ríamos do filme ou da gargalhada dela.

Fizemos algumas viagens juntas. Lembro especialmente de Santo Ângelo (RS), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC). Ela gostava de andar pela rua, conhecer o comércio, a história local e conversar com as pessoas. Tinha muita energia e eu retornava das viagens exausta. Uma vez, ela foi para o Rio Grande do Norte de carro, saindo do Rio de Janeiro, com o Ivan (genro) e o George (neto). Eles contam que no primeiro dia de viagem ela comprou uma jaca na estrada. O cheiro de jaca impregnou o carro, mas ela não aceitou de forma alguma abandonar a fruta. Foram quase 5 dias de viagem de carro com o cheiro da jaca que ela adorava.

Em uma certa altura da vida, ela resolveu construir uma casa em Saquarema, na região dos Lagos do Rio de Janeiro. Ficava muitos dias ali e era querida pelos vizinhos. No terreno, gostava de plantar e criar galinhas e codornas. A arquitetura da casa, muito peculiar, foi desenhada por ela. Em cima do galinheiro, por exemplo, ficava uma suíte para hóspedes esporádicos.

Em 2017, eu, Elaine, Maura e Maria Antônia criamos a Cervejaria Feminista para homenagear mulheres com histórias de luta. Maria Prestes foi nosso primeiro rótulo. A receita da cerveja foi elaborada em parceria com a vó Maria. Ela queria uma cerveja que lembrasse as que bebia em seu exílio com a família, em Moscou, na década de 70. A cerveja ficou pronta e realizamos muitos eventos onde a própria vó Maria contava suas histórias de militância política. Um dia, um domingo pela manhã, fomos passear no Aterro do Flamengo, quando uma mulher jovem se aproximou e perguntou se ela era a Maria Prestes. Minha avó ficou feliz com o reconhecimento e deu uma gargalhada quando a moça disse "Soube que agora você virou uma cerveja". Em 2018, assistimos perplexos o resultado da eleição presidencial. Bastante abalada – como grande parte dos meus amigos – demorei uns dias para telefonar para a vó Maria. Quando liguei, questionando o que faríamos agora, ela me deu uma bronca e respondeu "Faremos o que eu fiz a vida toda! Lutar!". Fiquei impressionada como ela não tinha se abalado e mantinha a esperança de sempre.

Após a sua morte, uma amiga me contou uma história inusitada. Disse que estava em um consultório quando o telefone de uma senhora que também aguardava atendimento tocou. O toque do aparelho era a Internacional Comunista, poema que virou hino e trata da luta dos trabalhadores e trabalhadoras pela terra e contra a opressão. Os pacientes que estavam na sala acharam graça. Quando a senhora foi chamada pelo médico para atendimento, a secretária disse que se tratava de Dona Maria Prestes.

Quando ela faleceu, realizamos um ato ecumênico no Parque das Ruínas, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Durante as falas da Mãe Nádia de Omolú e do Padre Gege um vento forte soprava lá fora. Era a força de Santa Bárbara e de Iansã – divindade guerreira, valente e ousada - saudando a passagem da vó Maria.

Salve as mulheres que lutam!

É possível não julgar uma mulher
com asas?
Nós
Que perfuramos trilhos
Rasgamos mapas
Destruímos rotas
Que caminhamos caladas
Carregamos segredos nas malas
Sorrimos diante do abismo
Que perturbamos a passagem
De quem se orienta por placas
E desvendamos um mundo novo
Que ninguém sabia ser possível
Que conseguimos rir
Diante do estado real das coisas
Ousamos escolher e rezar
Enquanto dormimos com ratos no
porão
Nós
Cujo silêncio abriga
Sintonias de incertezas
Lírios perfumados
E lágrimas doces
Por sorte,
O julgamento
Não dá fim às asas.
Mulheres aladas são
autorregenerativas.

todo corpo de mulher estremece e sente um
arrepio
quando vê outro corpo de mulher se apropriar
de sua missão
de sua liberdade
e de sua voz
todo corpo de mulher sente forte
quando se permite abrir as portas
as pernas
pra parir o mundo
pra sentir a Terra
nas estranhas
e engolir a vida com o peito
o corpo de mulher nasceu
pra ser imenso
flexível
pra se abrir ao meio
e gerar outro
todo corpo de mulher
carrega em si
o infinito
estremeço
e agradeço
por cada mulher
que me encontra
e me lembra
o quão potente
posso ser.
e eu sou.

As cicatrizes da mão de minha vó Maria eram fruto de violência policial. Ela foi presa aos 15 anos por se manifestar contra um governo que proibiu a existência do Partido Comunista, teve os cabelos raspados e tomou porrada. Ela bradava “queremos Leite, Café e Pão” - um grito que “escondia” a sigla LCP, em referência a Luís Carlos Prestes, que anos depois veio a ser o companheiro dela até o dia de sua morte. Sou neta de revolucionários.

Aos 2 anos perdeu a mãe e passou anos de sua infância em casas de famílias aliadas ao Partido, porque seu pai era militante comunista e foi preso algumas vezes. Quando solto, recolheu seus filhos das várias casas e os levou pra cria-los juntos num sítio. Aos 9 minha vó era integrante do Partido. Aos 16, casou e teve 2 fihos. Aos 19, minha vó aceitou o trabalho que mudou sua vida: ser segurança do homem mais procurado do país por sua história de luta. Minha vó foi segurança de Luís Carlos Prestes.

Para isso, desapareceu sem deixar vestígios e sem avisar a família em nome de seus ideais, em nome dos quais também deixou de ser Altamira Rodrigues Sobral pra virar Maria Prestes. O convívio os fez companheiros e mais 7 filhos nasceram dessa união, o último deles é meu pai Yuri.

No fim dos anos 60 minha vó partiu com 9 filhos para União Soviética e aguardou um ano por meu avô, num país distante e frio, sem falar russo, sem saber se ele chegaria com vida. Só puderam regressar ao Brasil depois da Anistia.

Sempre que olhei minha vó vi uma mulher. Me perguntei quantas vezes ela chorou, se desesperou, se desesperançou. Quanto teria sonhado em fazer revolução dançando, pulando carnaval, fazendo reuniões permitidas e não escondidas, sem medo de morrer, ser presa e torturada.

Penso no quanto sofreu ao ser mãe solo muitas vezes mesmo casada. Penso no quanto chorou o fim de seu primeiro amor, por medo e desespero, por si, seus filhos e o segundo companheiro.

Quando sinto medo lembro que sou fruto de sua força e quando sinto raiva penso que a dela deveria ser maior. E avanço. Quando milito através da arte penso o quanto se cura nessa árvore genealógica. E crio.

Vó, você é o maior exemplo que tive.
Obrigada por ter me dado vida, norte e nome.
Honro nosso passado.
Você não imagina o quão longe sua história ainda vai chegar.

Maria do Carmo Ribeiro

Não sou mulher, sou mulheres

Gabi People

Ouvi essa frase pela primeira vez de uma amiga que me levou pro movimento feminista. E foi na auto organização das mulheres que aprendi o sentido dela. Ser sujeito-coletivo que luta por um mundo melhor é uma das coisas mais bonitas que se pode viver. E por vezes, também pode ser das coisas mais difíceis, tamanho é o desafio de quem ousa sonhar em construir um mundo novo. Apesar das dores geradas pela violência e pelas desigualdades, as mulheres ainda conseguem se juntar para resistir, para transformar, para lutar por um mundo mais justo e igualitário. Essa força sempre me impressiona. Todos os espaços coletivos de solidariedade e organização popular que conheci são sempre compostos majoritariamente por mulheres, pode reparar: Onde tem solidariedade, tem mulheres! Justo nós, que somos a todo instante invisibilizadas, exploradas, violentadas, comprovadamente mais mal remuneradas. Mas, ainda assim, onde tem luta e resistência, tem mulheres. Repare que não estou falando dos lugares de poder, mas sim de organização popular e solidariedade.

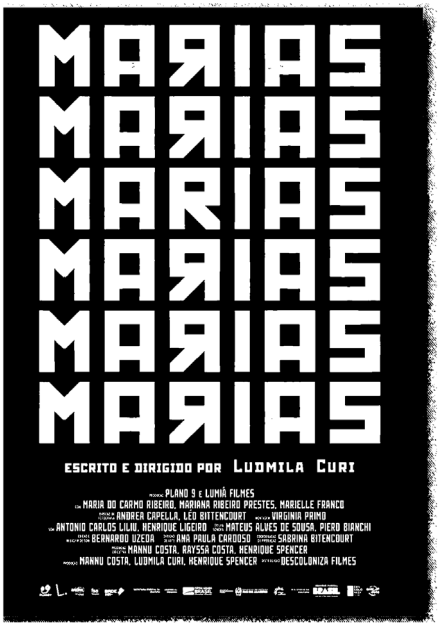
Pesquisas apontam que o patriarcado - esse sistema político-econômico de opressão às mulheres - existe há cerca de seis milênios. Quanta história de resistência cabe em milênios?! Quantas precisaram ser mortas, queimadas, humilhadas e violadas para que hoje pudéssemos estar aqui assistindo esse filme?! Quando olhamos a sociedade que vivemos hoje, bate um desânimo. A violência, desigualdade e destruição parecem não ter fim. E este é o principal objetivo dos que têm o poder de produzir a barbárie: nos silenciar. Eles não querem nos destruir por completo, porque precisam de nós. Nos querem amedrontadas, desanimadas, isoladas. Quando olhamos a história das que marcharam antes de nós, por vezes em condições muito

mais degradantes, temos a certeza que esta luta não pode parar. Ou, como diz uma música do cancioneiro popular: essa luta é nossa, essa luta é do povo, é só lutando que se constrói um mundo novo!

Em 2019 tive a honra de marchar em Brasília ao lado de cem mil mulheres na sexta Marcha das Margaridas. Anunciando o modelo de sociedade que as mulheres querem, colocamos na rua uma plataforma política pautada na "luta por um Brasil com soberania popular, democracia, justiça, igualdade e livre de violência". Viajar mais de 1700 km, do agreste pernambucano ao Planalto Central, em um ônibus cheio de mulheres jovens, idosas, trabalhadoras rurais, trabalhadoras urbanas, lésbicas, heterosexuais, negras, brancas, indígenas e toda a diversidade que temos enquanto povo, foi transformador. Brasília realmente ficou florida com o poder das Margaridas! A capacidade de organização, mobilização e agitação da Marcha mostrou a potência do feminismo popular. Marchar pelo bem-viver, marchar por nós, pelas que vieram e pelas que virão.

Saber da história das que vieram antes de nós enche o coração de força e esperança. Ver a força que Marielle tinha pra lutar pelo nosso povo, remexe a gente toda por dentro. Nossa história não pode se encerrar assim! Marias, Marielles, Margaridas, Terezas, Lélias e tantas outras que vieram antes de nós, deixaram importantes lições. E uma delas é que mulheres em marcha mudam o mundo!

Por mais que tentem nos silenciar, jamais conseguirão, porque eu não sou mulher, eu sou mulheres!



Esta publicação foi desenvolvida como um complemento ao lançamento do filme MARIAS, dirigido por Ludmila Curi e produzido por Mannu Costa, da Plano 9 Produção, com coprodução da Lumiá Filmes e distribuição da Descoloniza Filmes.

O longa viaja entre o Brasil e a Rússia, seguindo os rastros de Maria Prestes.

Entre a resistência e a clandestinidade, o filme revela aos poucos a história de sua protagonista, com ajuda de outras mulheres que participaram ativamente de grandes momentos do último século - de Maria Bonita a Marielle Franco.

Assim, este material serve como uma extensão complementar ao filme, aprofundando a reflexão sobre o impacto das lutas femininas no contexto histórico e contemporâneo, e destacando a importância dessas trajetórias na construção de um futuro mais justo e igualitário.

Confira o trailer

Saiba mais

https://descolonizafilmes.com/marias/

@descolonizafilmes
@plano9prod
@ludmila_curi_